

## **Sócrates: a coerência entre a sua vida e o seu pensamento**

José Antonio Da Silva<sup>1</sup>

Prof. Ms. Frei Fabiano Santos Julião, OSA<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo investiga a coerência entre a vida e o pensamento de Sócrates, tomando como base a obra *Apologia de Sócrates*, de Platão. A partir de fontes antigas e de comentadores contemporâneos, busca-se demonstrar que a filosofia vivida por Sócrates não se reduzia a um mero exercício intelectual, mas constituía uma verdadeira forma de vida. Para tanto, analisa-se a sua trajetória como cidadão, soldado hoplita e filósofo, bem como o seu embate com os sofistas, cujo relativismo e uso da retórica contrariavam os princípios de uma busca autêntica pela verdade. Em seguida, examina-se a chamada “virada para o humano”, movimento pelo qual Sócrates redirecionou a filosofia, deslocando o foco das preocupações com a natureza para as questões antropológicas. Por fim, analisa-se a *Apologia*, obra na qual Sócrates, diante do tribunal de Atenas, recusa-se a renunciar à sua missão filosófica mesmo sob a ameaça de morte, revelando a indissociável unidade entre o seu viver e o seu pensar. Conclui-se que a figura de Sócrates permanece, ainda hoje, como o maior exemplo de uma filosofia entendida como forma de vida.

### **Palavras-chave**

Sócrates; Sofistas; Coerência; Pensamento; Vida.

### **Introdução**

A história da filosofia no Ocidente teve na figura de Sócrates um dos exemplos mais coerentes quando se pensa na relação entre vida e pensamento. Sócrates, nascido no século V a.C., não deixou obra alguma escrita, não fundou nenhuma escola filosófica e tampouco buscou reconhecimento público. Mesmo assim, deixou uma marca indelével no pensamento

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Pesquisador da área de Filosofia antiga. E-mail: jose2000ads@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Email: [fabiano.juliao@fapcom.edu.br](mailto:fabiano.juliao@fapcom.edu.br)

da humanidade, porque viveu com grande integridade aquilo em que acreditava e professava por meio de palavras. Ao ser condenado à morte, ele aceitou o seu destino com serenidade, mesmo diante daqueles que o julgaram. Por esse feito, tornou-se o símbolo mais bem acabado de uma filosofia entendida não somente como discurso ou retórica, mas como uma forma de vida.

Este artigo propõe uma reflexão sobre essa coerência entre existência e pensamento. Para isso, utilizar-se-á de fontes antigas, em especial a *Apologia de Sócrates*, como também de comentadores contemporâneos, como Pierre Hadot, Giovanni Reale e Dario Antiseri. O primeiro capítulo investiga o Sócrates histórico, que está para além das lendas que cercam o seu nome. Ver-se-á que ele foi um bom cidadão, um corajoso hoplita e um grande pensador que participou, talvez de modo mais decisivo do que qualquer outro, da epocal mudança do objeto filosófico: das esferas da natureza para as questões antropológicas. Em seguida, estudar-se-á a representação de Sócrates na obra *Apologia*, examinando as três partes do seu julgamento: a defesa diante das acusações, a proposição da pena após o veredito e o último discurso sobre a morte.

O fio condutor que atravessa toda esta investigação é justamente a postura de Sócrates: como ele não só pensou a filosofia, mas também a viveu, e como essa coerência entre vida e pensamento constitui, ainda hoje, um dos mais poderosos testemunhos sobre o que significa, de fato, ser filósofo.

## **Sócrates**

### **1.1 Cidadão, Hoplita e Filósofo**

Sócrates nasceu em 470/69 a.C., em Alopecia, um dos distritos de Atenas. Viveu em um tempo de transformações econômicas, políticas e culturais. Foi uma figura simples: adorava andar descalço e com um manto grosso, fizesse frio ou calor. Era de família humilde. Seu pai, chamado Sofronisco, era talhador de pedras e a sua mãe, chamada Fairenete, uma parteira (PECORARO, 2008, p. 10). Essa vida simples não o impediu de realizar grandes feitos para a filosofia, que ganham maior importância se se tiver em conta que ele não deixou sequer algum escrito (PECORARO, 2008, p. 11). Em seu tempo, foi um grande protagonista, pois acreditava e colocava em prática a ideia de que o homem deve viver segundo a verdade, jamais na mentira.

No período histórico em que viveu, a democracia ateniense enfrentava a crescente influência dos sofistas (PECORARO, 2008, p. 9) — pessoas de boa oratória que enganavam a população. Sócrates, juntamente com os seus discípulos, criticava os sofistas. Os que governavam Atenas nesse tempo começaram a utilizar a forma de trabalho escravo: famosa opressão imperial, à qual deu início à guerra do Peloponeso, à qual Sócrates participou (PECORARO, 2008, p. 9-10). Mesmo vivendo em uma época complicada, Sócrates teve uma vida normal, era casado com Xantipa e tinha 3 filhos: Lamprocles, Menexeno e Sofronisco (PECORARO, 2008, p. 10). Sendo conhecido por sempre contestar a sabedoria das leis, foi um grande exemplo de cumpridor dos deveres militares e políticos, um exemplo disso é a recusa do plano de fuga proposto por Críton (PLATÃO, 2008).

Sócrates era bastante conhecido por sua retidão moral e sua busca incansável da verdade e da justiça. O que causou em muitos (na maioria das vezes, os sofistas) ódio por ele. Para os seus discípulos, ele era um grande exemplo, pois, além de ser alguém que exercitava o seu intelecto, era também alguém que exercitava o físico, porque acreditava que o equilíbrio era muito importante (PECORARO, 2008, p. 11-13). Por justamente não ter deixado algum escrito, muitas pessoas chegam a duvidar da existência histórica de Sócrates, e muitos o consideram “um enigma indissolúvel e sustentam que jamais o conheceremos de verdade” (PECORARO, 2008, p. 11). O "pouco" que sabemos dele, se deve a seus discípulos (Xenofonte e Platão), que o conheceram pessoalmente, e a alguns autores antigos, como Aristóteles, Diógenes Laércio, Aulo-Gélio e Cícero (PECORARO, 2008, p. 11).

Uma imagem de Sócrates que se consolidou na tradição foi a do velho sábio, de voz mansa, fazendo perguntas nas ruas de Atenas. Essa imagem, ainda que não seja falsa, é incompleto. Antes de ser esse grande filósofo que o mundo conheceu, Sócrates foi soldado, e não um soldado qualquer. Ele serviu como hoplita — soldado de infantaria pesada — nas campanhas de Potideia, Anfípolis e Dêlio (PECORARO, 2008, p. 10). O descrevem como um homem de resistência e coragem notáveis: mesmo quando encurralado na batalha, caminhava com a mesma tranquilidade com que percorria as ruas de Atenas (PECORARO, 2008, p. 11). Não era a indiferença de quem não sente o perigo, mas a serenidade de quem já aprendeu a não se deixar governar pelo medo.

O próprio Sócrates evoca essa experiência na Apologia ao responder àqueles que esperavam que ele recuasse diante da condenação: como o herói homérico Aquiles permaneceu em seu posto sabendo que a morte o aguardava, assim Sócrates declara que não abandonaria a filosofia por medo do júri. A comparação revela uma concepção de coragem que atravessa toda a sua vida: o verdadeiro valente não é aquele que foge do perigo, mas aquele que permanece fiel ao seu posto, seja ele um campo de batalha ou um tribunal (PLATÃO, 2019, p. 48-49).

Após a morte de Sócrates, surgiram diversas escolas filosóficas fundadas por aqueles que o seguiram de perto, o que demonstra a sua influência. Dentre eles, podemos destacar Antístenes, que deu origem a escola cínica, marcada pela austeridade e pelo desprezo aos bens materiais. Aristopo, que fundou a escola de cirene, baseada num olhar reflexivo sobre o prazer e a arte de viver. Euclides, que fundou a escola de megera, conhecida pelo seu rigor dialético. Platão, que perpetuou a herança socrática através da academia (HADOT, 2014, p. 48). Apesar da grande diferença entre as correntes, todas herdaram a mesma essência: a filosofia não pode ser considerada um discurso retórico, mas é uma verdadeira forma de vida (HADOT, 2014, p. 48-49). Pierre Hadot observa bem quando diz que teríamos hoje uma melhor compreensão histórica de quem foi Sócrates se as obras produzidas por todas essas escolas filosóficas tivessem sido preservadas, de modo especial, os chamados diálogos socráticos escritos por seus discípulos (HADOT, 2014, p. 49).

## 1.2 O Moscardo: Sócrates e os sofistas

Para compreender por que Sócrates incomodava muitas das pessoas de Atenas, e por quê o condenaram, é preciso entender um grande movimento que dominou o cenário intelectual de sua época: os sofistas. Eles não eram figuras marginais ou desprezíveis; representaram uma autêntica revolução espiritual, “deslocando o eixo da reflexão filosófica da natureza (*physis*) para o homem e para as questões da vida em sociedade: a ética, a política, a retórica, a arte, a língua, a religião e a educação” (REALE, ANTISERI, 2017, p. 71).

O próprio termo “sofista” carrega uma história reveladora. Originalmente significava “sábio”, “perito do saber”, uma designação positiva. Foi sobretudo pela crítica contundente

de Platão e Aristóteles que a palavra adquiriu conotação negativa, passando a designar um saber aparente, “professado não pela busca desinteressada da verdade, mas com finalidade de lucro” (REALE, ANTISERI, 2017, p 71). Essa distinção é fundamental: enquanto os sofistas faziam da cultura uma profissão, ou seja, ensinavam mediante pagamento, circulando de cidade em cidade, Sócrates via a busca pelo saber como uma missão, não como um negócio.

O surgimento da sofística não foi, porém, um acidente. Surgiu para responder a necessidades históricas precisas: “a crise da aristocracia, o crescimento do *demos*, a expansão do comércio e o contato com outros povos e costumes que geraram um ambiente de relativismo crescente, no qual os velhos valores tradicionais já não bastavam” (REALE, ANTISERI, 2017, p. 72). Nesse contexto, os sofistas souberam captar as demandas da época, especialmente dos jovens que aspiravam à vida política, e ofereceram exatamente o que a democracia ateniense mais valorizava: a arte de persuadir, de falar bem, de vencer debates. Quem dominava essa arte dominava a assembleia, e quem dominava a assembleia dominava a cidade.

A divergência filosófica com Sócrates vai muito além da questão da transformação da filosofia em negócio. Antes de tudo, é uma divergência sobre o que é a verdade. Protágoras, um dos mais célebres sofistas, estabeleceu o princípio do *homo mensura*: “o homem é a medida de todas as coisas, das que são por aquilo que são e das que não são por aquilo que não são” (REALE, ANTISERI, 2017, p. 74). Com isso, negava qualquer critério absoluto para distinguir o verdadeiro do falso. A verdade tornava-se relativa, e o que importava era o que fosse mais útil ou conveniente para cada situação. Górgias, outro sofista, extremou ainda mais este relativismo, enfatizando o poder autônomo do discurso persuasivo: “a palavra tornava-se instrumento capaz de produzir crença e convencimento independentemente de um compromisso necessário com a verdade” (REALE, ANTISERI, 2017, p. 76).

Sócrates surge exatamente como resposta a essa crise. Enquanto os sofistas enfatizavam a força persuasiva do discurso e a relatividade das opiniões humanas, Sócrates orientava sua investigação para a busca racional de conceitos universais, especialmente relacionados à virtude e à justiça. Assim, onde a prática sofística frequentemente privilegiava a eficácia retórica e a conveniência argumentativa, Sócrates utilizava o diálogo como exercício crítico voltado ao exame da vida e ao desvelamento da verdade. É nesse contexto

que a imagem do moscardo, apresentada na própria *Apologia*, adquire todo o seu sentido. Sócrates compara Atenas a um grande cavalo: poderoso, mas entorpecido pelo sono da auto complacência, e a si mesmo a um moscardo, pequeno e incômodo, cuja função era despertar a cidade de sua acomodação moral. Segundo ele, “sou uma espécie de moscardo dado pelo deus à cidade” (PLATÃO, 2019, p. 53). A cidade precisava ser perturbada, acordada de suas ilusões. E Sócrates entendia essa função não como uma escolha pessoal, mas como uma missão confiada pelo próprio deus.

Daí nasce a hostilidade dirigida contra Sócrates. Os sofistas o rejeitavam porque ele expunha o vazio de uma sabedoria reduzida à técnica argumentativa. Os políticos o temiam porque ele revelava a fragilidade de discursos construídos sem verdadeiro conhecimento do justo e do bem. A própria cidade, incapaz de suportar o desconforto provocado pelo exame filosófico, acabou por condená-lo.

Vale reconhecer, contudo, que os sofistas não foram apenas adversários de Sócrates, foram também seus predecessores necessários. Como observam Reale e Antiseri, eles “abriram o caminho à filosofia moral, embora não tenham sabido alcançar os fundamentos dela, porque não conseguiram determinar a natureza do homem enquanto tal” (REALE; ANTISERI, 2017, p. 80). Coube a Sócrates herdar esse interesse pelo humano e levá-lo até o fundo, ancorando a filosofia moral no único lugar onde ela poderia se sustentar: a alma. A biografia de Sócrates é inseparável de sua filosofia exatamente por isso: ele não apenas pensou sobre a verdade, ele a viveu, praticando-a nas ruas, nas praças e nos tribunais. O moscardo não é uma metáfora abstrata, mas a descrição mais precisa de como Sócrates existia no mundo.

### 1.3 A Virada para o Humano

Em uma passagem sobre “A natureza dos deuses”, Cícero apresenta Sócrates como o “pai da filosofia”. Já em uma outra tradição bem fundamentada, se apresenta Tales de Mileto como o “primeiro filósofo” (DORION, 2011, p. 7). Entre esses dois pensadores há mais de um século de distância. Precisa-se entender que não é no mesmo sentido que Tales é denominado “primeiro filósofo” e Sócrates o “pai da filosofia”. Tales teve uma grande importância para a filosofia, pois inaugurou a pesquisa que busca explicar os fenômenos

naturais a partir de suas causas materiais, ou melhor dizendo, ele inaugura aquilo que chamamos de “filosofia”. Sócrates, por sua vez, foi considerado esse “pai da filosofia”, porque foi o primeiro a afastar a filosofia do estudo da natureza e direcionar ela para às questões humanas. No século IV d.C, Santo Agostinho resume bem isso ao comentar:

Todo mundo é unânime em ver em Sócrates o primeiro que fez a filosofia como um todo mudar de rumo para ordenar e restaurar os costumes, enquanto que todos antes dele haviam gasto a maior parte de sua energia em aprofundar a física, ou seja, o estudo da natureza (AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Livro VIII).

É em virtude dessa tradição unânime que os modernos inventaram o termo “pré-socráticos” para designar os filósofos anteriores à revolução socrática: aqueles que fizeram da natureza o objeto predileto de suas investigações. Sócrates, ao converter a filosofia em um objeto novo, uma busca da vida boa no plano individual e político, de alguma forma, oferece um segundo nascimento a filosofia. Por isso, ele recebe o título de “pai da filosofia”.

Vale lembrar, que Sócrates não fez essa “virada para o humano” sozinho. É possível encontrar em alguns dos pré-socráticos, como Demócrito, elementos de uma reflexão moral de grande interesse. Ainda assim, aquilo que torna Sócrates singular é a radicalidade de sua forma de viver e de pensar. Ele dedicou a sua vida inteiramente à busca dos princípios e fundamentos de uma vida boa, sem concessões e sem recuos. Toda a sua vida foi doada e consagrada à busca de uma verdade, de tal modo que perdeu a sua vida por ela. Foi justamente essa busca que o levou a abandonar o estudo da natureza para se dedicar ao exame da vida humana, que encontraremos em um momento mais dramático e revelador, na *Apologia* de Platão.

## **Apologia de Sócrates**

### 2.1 A defesa

Na primeira parte da *Apologia*, Platão apresenta o discurso da defesa de Sócrates diante do tribunal de Atenas, iniciando com a seguinte frase: “Quanto a mim, por pouco não perdi a noção da minha identidade tal a persuasão com que discursaram” (PLATÃO, 2019, p

21). Ele estava espantado porque todas aquelas pequenas mentiras que contaram dele ao decorrer do tempo, viraram algo tão grande ao ponto dele estar diante dos juízes de Atenas naquele momento. Sócrates foi acusado de três crimes. O primeiro, de corromper a juventude (PLATÃO, 2019, p. 37). O segundo, de não crer nas divindades do Estado e crer em outras divindades (PLATÃO, 2019, p. 37). O terceiro, de se empenhar na investigação de coisas sob a terra e os céus (PLATÃO, 2019, p. 25), sendo essa acusação mais antiga. Diante disso, vê-se o filósofo que procura não só responder às acusações formais levantadas por Meleto, Anito e Lícon, os acusadores que levaram Sócrates ao tribunal, mas de desconstruir uma imagem negativa que fizeram dele ao longo dos anos. A sua defesa ultrapassa não só aquilo que corresponde ao caráter jurídico, mas também ético e filosófico.

No início de seu discurso, Sócrates afirma que os seus maiores acusadores não são aqueles que compõem o tribunal, mas aqueles que durante muito tempo construíram uma sua imagem falsa entre os cidadãos de Atenas. Essa acusação formal descreve um Sócrates que se empenha “na investigação de coisas sob a terra e nos céus, fortalecendo o argumento mais fraco e ensinando essas mesmas coisas aos outros” (PLATÃO, 2019, p. 25). Essa representação aparece na comédia *As Nuvens*, de Aristófanes (PLATÃO, 2019, p. 26), na qual ele coloca Sócrates como um mestre de retórica enganadora. E claro, o filósofo nega essa acusação.

Sócrates apresentava a filosofia como busca sincera pela verdade, ao contrário dos sofistas, cuja atividade frequente era a persuasão e retórica, como se viu. O seu discurso evita adornos excessivos e emocionais, como ele diz: “Enquanto de mim tudo o que ouvireis será a verdade” (PLATÃO, 2019, p. 21). Essa sua postura revela um dos elementos centrais da filosofia socrática: a prioridade da verdade sobre a opinião pública e sobre os interesses pessoais.

A parte central da defesa do filósofo se encontra na narrativa acerca do oráculo de Delfos. Ele relata que Querofonte, o seu amigo, consultou o oráculo perguntando a sacerdotisa se existia alguém mais sábio do que Sócrates, ela respondeu negativamente. Mas Sócrates estranha a afirmação, pois não se considera sábio: “Estou consciente de que não sou sábio em nenhuma medida. Qual o significado de suas palavras ao declarar que eu sou o mais sábio?” (PLATÃO, 2019, p. 30). É a partir deste evento que Sócrates dá início a sua missão

de examinar os homens que são considerados sábios pela cidade, como políticos, poetas e artesãos.

Durante as suas investigações, ele percebe que aqueles que eram considerados sábios, só possuíam conhecimentos específicos ou habilidades técnicas, e estes acreditavam saber mais do que realmente sabiam. Mas o filósofo, diferente deles, sabia os limites do seu próprio conhecimento: “Sou mais sábio do que esse homem; nenhum de nós dois realmente conhece algo admirável e bom, entretanto ele julga que conhece algo quando não conhece, enquanto eu, como nada conheço, não julgo tampouco que conheço” (PLATÃO, 2019, p. 31). Essa consciência do não saber, torna-se o fundamento da filosofia socrática, porque só aquele que conhece as suas limitações pode verdadeiramente buscar a verdade.

A partir dessa experiência, Sócrates entende que a mensagem divina era uma missão confiada pelo deus. Ele percebeu que essa missão era justamente examinar os homens, questionando cada um deles sobre as suas certezas e conduzindo-os à reflexão sobre a virtude e o cuidado da alma. É nesse contexto que ele utiliza uma metáfora do moscardo, afirma que Atenas se assemelhava a “um grande e nobre cavalo, que se revelasse um pouco lerdo devido ao seu tamanho, e precisasse ser estimulado por um moscardo”, sendo que o “deus vinculou-me a cidade” (PLATÃO, 2019, p. 53). O filósofo seria essa mosca que inquieta a cidade, impedindo que ela permaneça acomodada na falsa sabedoria.

A filosofia, portanto, não aparece na *Apologia* como um simples exercício intelectual, mas como uma forma de vida, que justamente é marcada com o compromisso da verdade e exame constante da existência. Por essa razão, Sócrates declara que jamais abandonará a filosofia, mesmo que o tribunal lhe ofereça a absolvição caso ele a deixe: “por quanto durar minha existência e eu for capaz de prosseguir, jamais renunciarei a filosofia e cessarei de vos exortar” (PLATÃO, 2019, p. 50). É nesse contexto que surgem uma das mais importantes afirmações da obra: “a vida sem exame não é digna de ser vivida” (PLATÃO, 2019, p. 69). Ao afirmar isso, ele mostra que a verdadeira existência humana exige reflexão, autoconhecimento e compromisso ético, ainda que por conta disso, haja sofrimento ou até a própria morte.

## 2.2 O veredito

Depois do discurso, Sócrates é condenado. E como era de costume na época, aquele que era condenado poderia escolher algumas penas a serem pagas, porém, era o próprio júri que aceitava as penas ou não, como também escolhia dentre elas qual o imputado deveria cumprir. Esperava-se, após a condenação, que o filósofo se arrependesse e que recorresse ao júri, aceitando a antiga proposta de abandonar a filosofia. Contudo, Sócrates permaneceu fiel e com a mesma postura filosófica e moral, aquela mesma que assumiu durante todo o seu julgamento.

E assim foi aguardada a pena que o acusado iria propor diante de todos. Sócrates, considerando todo o seu serviço prestado a cidade de Atenas, disse que queria ser sustentado no Prinateu, ou seja, no edifício público de Atenas onde atuavam os magistrados. Era no Prinateu que se oferecia acolhida pública, particularmente aos que se sagravam vencedores no jogos olímpicos. O filósofo afirma:

Ora, o que é adequado a um pobre homem que é vosso benfeitor e que necessita de ócio para exortar-vos? Nada há, homens de Atenas, tão adequado quanto tal homem receber suas refeições no Prinateu. Isso é muito mais adequado a mim do que a qualquer um de vós que haja vencido nos Jogos Olímpicos com cavalo, biga ou quadriga. O vencedor olímpico vos faz parecer feliz, enquanto eu vos faço feliz (PLATÃO, 2019, p. 66 e 67).

A proposta socrática provocou muito espanto diante do júri, além de muita irritação por boa parte daqueles que ali se faziam presentes, pois aparentava ironia e afronta diante da condenação recém estabelecida. No entanto, sua declaração não deve ser compreendida como uma provocação. O filósofo, de fato, acreditava que havia feito uma grande benfeitoria para a cidade de Atenas. A missão que entendeu ter recebido era justamente despertar os homens para a importância da virtude, do autoconhecimento e do cuidado para com a alma, que eram valores que o mesmo considerava superiores às riquezas, poderes e coisas materiais. Com esse sentido, ele entendia que a sua missão filosófica era como um verdadeiro serviço público prestado a toda cidade.

A atitude do filósofo evidencia o profundo contraste entre a lógica da filosofia e alógica política predominante na democracia de Atenas. Depois que ele foi declarado culpado pelo tribunal, esperava-se que Sócrates assumisse uma postura de submissão diante de todos os seus acusadores, demonstrando arrependimento e recorrendo tradicionalmente a compaixão

dos juízes. Mas a sua conduta permanece a mesma: ele mantém a sua independência intelectual e moral, recusando a negar aquilo que havia sustentado durante toda a sua vida. Em nenhum momento procurava sensibilizar o júri, fosse por discursos emocionais ou exposição de familiares e amigos, algo que muito acontecia nos tribunais da época. Sócrates afirma que o dever do juiz é decidir conforme a justiça e o dever do cidadão é falar só a verdade, não tentar mudar o destino por lágrimas ou apelos sentimentais. Essa postura demonstra que para ele, a filosofia não consistia em um conjunto de ensinamentos abstratos, mas em uma forma de existência, na qual a coerência entre pensamento e ação se sobrepunha ao desejo de preservar a própria vida. Pierre Hadot observa, que a filosofia antiga era antes de tudo um modo de vida (HADOT, 2014, p. 18). Em Sócrates, essa compreensão alcançou sua expressão máxima, pois a sua fidelidade a verdade a justiça permaneceu inabalável mesmo diante de sua condenação a morte. E com essa postura demonstra que a justiça não deve ser feita ou manipulada por emoções ou interesses particulares, mas deve ser conduzida pela verdade e pela razão.

Posteriormente, Sócrates propôs o pagamento de uma multa. De início, ele sugere uma quantia pequena, já que a sua condição financeira não era das melhores (PLATÃO, 2019, p. 70). Em seguida, seus amigos e discípulos oferecem um valor bem maior, demonstrando, assim, reconhecimento e fidelidade àquele que tinham por mestre (PLATÃO, 2019, p. 70). Mesmo assim, o tribunal recusou essa quantia maior e optou pela pena de morte do filósofo.

Esse episódio do veredito, revela que Sócrates não negociava seus princípios e preferia morrer a ter que abrir mão deles. Essa sua postura diante daqueles que tinham o destino de sua vida mostra a coerência entre a sua filosofia e a sua existência. Mais do que evitar a sua condenação, ele procurou permanecer fiel à verdade e à missão recebida de deus. Desse modo, esse conflito entre Sócrates e boa parte da população de Atenas ultrapassa a dimensão política, e expressa uma grande tensão entre a exigência de viver uma verdade através da filosofia e os interesses políticos da cidade.

### 2.3 A sentença

Após ser condenado à morte pelo tribunal ateniense, Sócrates realizou o seu último discurso diante dos juízes. O que chama atenção, é que ele não demonstra desespero, temor

ou revolta e sim grande tranquilidade. Ao demonstrar serenidade e firmeza, ele reafirma os princípios que orientaram toda a sua vida.

O filósofo busca refletir racionalmente sobre a tão temida morte e qual o seu significado. Para ele, quando se fala da morte, existem duas possibilidades (PLATÃO, 2019, p. 74). A primeira é que a morte consiste em uma completa ausência da consciência, quase semelhante a um sono bem profundo e sem sonhos. Neste caso, ela não representaria um mal, mas um estado de repouso absoluto, e assim livre das inquietações da existência humana. Já a segunda possibilidade, é que a alma continue a existir, mas em outro lugar, e assim permitindo o homem encontrar grandes personagens do passado, e assim prosseguir a investigação filosófica por meio do diálogo. Sócrates afirma, que seria uma felicidade poder conversar com heróis e sábios como Minos, Orfeu, Hesíodo e Homero (PLATÃO, 2019, p.76).

Em ambas hipóteses, Sócrates conclui que não pode existir motivo para se temer a morte, pois, a mesma não é algo ruim. Ele argumenta que os homens garantem ter um conhecimento, mas que na verdade não tem. Por isso ele diz: “temer a morte, senhores, nada mais é do que pensar que se é sábio quando não se é, uma vez que consiste em pensar que se conhece o que não se conhece” (PLATÃO, 2019, p. 49). Assim, o medo da morte é uma falsa sabedoria, ou seja, a pretensão de conhecer aquilo que permanece incerto aos homens.

Essa serenidade que o filósofo apresenta após ser condenado à morte está diretamente ligado à consciência de seus próprios limites e a confiança de que agir injustamente é pior do que morrer. Em toda a *Apologia de Sócrates*, o filósofo sustenta que jamais abandonaria a sua missão para preservar a sua vida, pois para ele, era muito mais importante que a sua vida estivesse em coerência com aquilo que ele pensava ser verdadeiro e justo.

A sua condenação, porém, não é considerada um fracasso moral, mas justamente uma confirmação da coerência filosófica existencial. Nesse contexto, a morte assume um profundo significado filosófico: Sócrates transforma seus últimos momentos de vida em testemunho de fidelidade aos princípios que defendeu durante toda a sua vida. Mesmo após a execução, ele recusa abandonar o exame crítico da existência e mantém a sua confiança na superioridade da virtude sobre todos os bens materiais ou até mesmo sobre a sua própria vida.

A *Apologia* chega ao seu fim com a célebre afirmação de Sócrates: “Mas agora é chegada a hora de partirmos. Parto para a morte e vós para a vida. Entretanto, qual de nós caminha para melhor sorte é algo que somente o deus sabe” (PLATÃO, 2019, p. 78). Essa frase final de Sócrates sintetiza uma grande humildade intelectual e a serenidade que marcou toda a sua vida e trajetória como filósofo. Ao aceitar a sua morte, sem renunciar em nenhuma momento a verdade, ele se torna exemplo de que a filosofia não pode ser vista só como uma teoria, mas como uma forma de vida que se fundamenta na coerência entre pensamento e vida.

### **Conclusão**

Neste artigo percorreu-se os principais aspectos que mostram a coerência entre a vida e pensamento em Sócrates. Desde a sua juventude como Hoplita corajoso nas batalhas de Potidea, Anfípolis e Delio, passando pelo seu “moscardo” nas praças de Atenas, até o seu julgamento e a sua condenação à morte. Em todos esses momentos, o filósofo demonstrou que a filosofia não se separa da existência. Sócrates não só usou as palavras para ensinar, mas ensinou com seu contínuo testemunho de vida.

O embate com os sofistas foi decisivo para compreender o significado que ele dava a coerência. Porque enquanto eles faziam da retórica um objeto de poder, Sócrates mostrava que o diálogo é o método para a busca da verdade, mesmo que isso possa se tornar incômodo para os poderosos. A chamada “virada para o humano”, acabou mudando o rumo da filosofia, pois, tirou ela das questões da natureza e a redirecionou para o humano, onde acabou inaugurando um modo de pensar que colocava a alma e a virtude acima de qualquer bem material.

A *Apologia* é a obra que melhor apresenta esta coerência. Diante de todo o tribunal que acabaria por condena-lo a morte, vê-se um Sócrates que não recua e nem negocia os seus princípios. Ele preferiu, sem reservas, morrer do que abandonar a missão que acreditava ter recebido do deus de Delfos. A sua última fala antes de tomar o veneno, “Qual de nós caminha para melhor sorte é algo que somente o deus o sabe” (PLATÃO, 2019, p. 78), revela uma humildade e serenidade de quem viveu segundo aquilo que acreditava até o fim.

Com isso, vemos que essa figura de Sócrates transcende os limites do seu tempo e ainda hoje continua a interpelar a humanidade: filosofar é um compromisso existencial de viver segundo a verdade, e não pode ser reduzido somente ao exercício intelectual. É nesta dimensão que Sócrates permanece não só como o “pai da filosofia”, mas como alguém que morreu e deu testemunho de amor por ela.

### **Referências**

- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. Livro VIII. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 1990.
- DORION, Louis-André. **Compreender Sócrates**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2014.
- PECORARO, Rossano (org.). **Os filósofos clássicos da filosofia: de Sócrates a Rousseau**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- PLATÃO. **Crítion**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2008.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. Vol. 1. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2017.

